



EDIÇÃO 14 – 2º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 20/12/2012



O SENTIDO DE INDISCIPLINA NO DISCURSO DA COMUNIDADE ESCOLAR

Solange Almeida de Medeiros (PG – UEMS)
Marlon Leal Rodrigues (UEMS)

RESUMO: O presente artigo se baseia em um projeto de pesquisa, em desenvolvimento, na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Campo Grande – MS, sob orientação do professor Dr. Marlon Leal Rodrigues. O projeto – apresentado em forma de comunicação, durante o “III Encontro em Análise do Discurso: diálogos com a área de humanas”, realizado na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), em Alto Araguaia, em 2012 – busca analisar o sentido de indisciplina no discurso da comunidade escolar (professores, pedagogos e alunos) bem como entender o conceito de disciplina e indisciplina para o professor e o que sustenta seus discursos sobre a indisciplina escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Educação, Indisciplina, Análise do discurso;

INTRODUÇÃO:

A indisciplina no ambiente escolar é um problema que atinge a aprendizagem dos alunos e conseqüentemente a qualidade do ensino na escola. E observamos que as causas da indisciplina podem vir de fatores externos à escola. Como, por exemplo, podemos dizer que o comportamento indisciplinado vem da família que não soube educar; é consequência da violência transmitida pelos meios de comunicação ou vem da condição de pobreza dos alunos. E ainda atribuir a indisciplina a fatores internos ao contexto escolar, como, por exemplo, problemas da escola e falta de preparo do professor.

Isso significa que a indisciplina é um fenômeno escolar mais complexo; que não está relacionado apenas com a escola, mas com a sociedade como um todo; e em geral é tratada de maneira imediatista, sem o circunstanciamento conceitual necessário.

Desenvolvendo uma pesquisa Gama (2009), observou que:

A escola pode ser considerada o lugar do saber, do conhecimento e do poder; ela pode influenciar na identidade do sujeito favorecendo, desta forma, a sociedade capitalista que visa obter sujeitos manipuláveis em seu domínio, por isso há toda uma prática disciplinadora nas escolas, na qual os



EDIÇÃO 14 – 2º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 20/12/2012



sujeitos são submetidos às regras e normas impostas, sendo o *livro de ocorrências* envolvido em um sistema que procura monitorar toda a formação do sujeito, tentando transformar o seu jeito de ser, enfim, moldar sua identidade de acordo com os parâmetros da sociedade (GAMA, 2009, p. 15).

Ao mesmo tempo, o próprio Gama (2009) considera a escola uma Instituição importante para a garantia da cidadania, principalmente às crianças e jovens de classes sociais mais baixas:

A escola pública, apesar das deficiências, representa a salvação para milhões de crianças, que não sendo assim, estariam condenadas a ignorância e conseqüentemente a marginalidade. A escola é o caminho para o reconhecimento da sociedade do adolescente enquanto cidadão, mas somente por meio de um ensino de qualidade construirá a criança e o adolescente uma compreensão global da sociedade da qual faz parte (GAMA, 2009, p.12).

Cabe perguntar, portanto, se a disciplina é ou não necessária para o desenvolvimento dessa escola cidadã e de um ensino de qualidade? Para o filósofo Kant, por exemplo, a disciplina é condição necessária para arrancar o homem de sua condição natural selvagem. Não se trata, portanto, apenas de “bons modos”: trata-se de educar o homem para ser homem, redimi-lo da sua condição animal.

Um autor que tratou da disciplina como poder foi Michel Foucault. Ele fez do conceito de poder o centro da sua obra, mais que isto, tratou diretamente das relações disciplinares na época moderna. Para Foucault (1977), o poder *disciplinar* caracteriza-se, sobretudo, pela *vigilância* (olhar hierárquico), pela *sanção normalizadora* e pela combinação de ambas num procedimento que lhe é bem específico, o *exame*.

Portanto, é possível dizer que o poder, na sua forma modelarmente disciplinar, gera indisciplina. Afinal a rede de controle e vigilância, o olhar hierárquico, o sistema contínuo de previsões de condutas certas ou erradas, bem como o exame, todos esses dispositivos, por seu próprio exercício, vão incitar e colocar no discurso, exatamente, o que visa mitigar.

Buscando adequar nossa pesquisa ao campo da AD, o presente projeto pretende examinar: Qual o sentido de indisciplina presente nos discursos da comunidade escolar; o que é a disciplina e a indisciplina para o professor e qual o fundamento para os discursos sobre a indisciplina.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:



EDIÇÃO 14 – 2º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 20/12/2012



Para se entender a AD é preciso conhecer alguns conceitos fundamentais para a sua compreensão. Inicialmente recortamos as considerações de Maingueneau e Charaudeau (2008, p.168, 169): “O discurso é uma unidade linguística constituída de uma sucessão de frases”. Ou o discurso vs texto, em que discurso é “concebido como a inclusão de um texto em seu contexto (condições de produção e recepção)”.

Para Cardoso (1999 p.35) o discurso é "o modo de existência sócio-histórico da linguagem: um conjunto de **enunciados** que derivam de uma mesma formação discursiva".

Ainda segundo Cardoso (1999), o discurso seria os textos formados num mesmo momento histórico, “a sociedade e a história impressos nos textos do seu tempo”. O **texto** para a autora “é a manifestação verbal do discurso, o que equivale a dizer que os discursos são lidos e ouvidos sob a forma de textos”.

Os **enunciados** que constituem o discurso por sua vez são repetíveis, suportam paráfrases e enunciações diferentes. Já a **enunciação** é singular, irrepitível, o acontecimento tem data e lugar marcados. Para Pêcheux, a **enunciação** se refere às **condições de produção** de um determinado discurso; seria a circunstância em que o sujeito faz as representações da posição que ocupa ao enunciar de si, de seu interlocutor, etc. E, portanto, o **enunciado** é o discurso resultante dessas **condições de produção**.

O conceito de **condições de produção** é básico para a AD, porque caracteriza o discurso e é objeto de análise. Essas condições visam às formas de instituir o sentido do discurso, o que nos leva a afirmar que as escolhas do sujeito não são aleatórias. O enunciado produzido pelo sujeito vai depender do lugar onde este está inserido; a linguagem será determinada a partir do momento da enunciação, pelo contexto em que a formação discursiva (FD) se originou entre outros fatores. O sujeito irá revelar uma formação ideológica em sua FD, condicionada pela sua posição socio-histórica. Cardoso (1999) afirma que o jogo de imagens entre protagonistas do discurso, proposto por Pêcheux, é um dos elementos das condições de produção do discurso, mas que essas condições não se reduzem a tal jogo. O jogo de imagens é descrito pela autora da seguinte forma:

Quem sou eu para que eu lhe fale assim? (a imagem que o locutor tem de si); Quem é ele para que eu lhe fale assim? (a imagem que o locutor tem de seu interlocutor); Quem sou eu para que ele me



EDIÇÃO 14 – 2º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 20/12/2012



fale assim? (A imagem que o interlocutor tem de si mesmo); Quem é ele para que ele me fale assim? (a imagem que o interlocutor tem do locutor); De que eu lhe falo? (a imagem que o interlocutor tem do referente ou aquilo que se fala); De que ele me fala? (a imagem que o interlocutor tem do referente) (CARDOSO, 1999, p.40).

Cardoso (1999) explica que o **discurso** é uma das formas de materialização da ideologia e assim é governado pelo que a AD chama de **formação ideológica (FI)**.

É no discurso que se dão os embates entre posições diferenciadas, e os confrontos entre forças ideológicas num dado momento da história. Por isso, ao analisar o discurso deve se ter em mente que cada discurso é uma materialização de uma ideologia, por isso que ocorrem os embates, conflitos ideológicos através dos discursos. É importante saber quais foram suas condições de produção, a formação ideológica e sua formação discursiva, para se fazer sua análise. É a FI que governa a formação discursiva (FD), por isso a FD é utilizada pela AD para designar o lugar onde se articulam discurso e ideologia.

Mussalim (2004) argumenta que, segundo Pêcheux, o conceito de formação discursiva compreende o lugar de construção dos sentidos, determinando o que pode e deve ou não ser dito, a partir de uma posição numa dada conjuntura. Assim sendo, a uma dada formação discursiva corresponde uma dada formação ideológica. Já Foucault define a FD como: “Um conjunto de regras anônimas que definiram em uma época dada, e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa. (apud MAINGUENEAU 1997, p 14)”

OBJETIVOS:

De acordo com o senso comum, a indisciplina na escola atrapalha a aprendizagem e o bom desenvolvimento do aluno. No entanto, do ponto de vista de alguns pesquisadores, como Gama (2009), a escola exerce um poder de manipulação sobre o aluno, buscando adequá-lo à sociedade capitalista.

E no discurso da comunidade escolar, como se constrói o sentido de indisciplina? E qual o fundamento que sustenta o discurso sobre a indisciplina? Quais os conceitos de disciplina e de indisciplina para os professores?



EDIÇÃO 14 – 2º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 20/12/2012



METODOLOGIA:

Partindo das questões levantadas acima e com base nos estudos da AD, serão aplicados questionários aos profissionais da rede pública de ensino e aos alunos, que responderão várias perguntas sobre a indisciplina na escola: o que é indisciplina, qual o papel do profissional da educação na garantia da disciplina de seus alunos, dentre outros questionamentos a serem definidos no decorrer da pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AQUINO, Julio Groppa (org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.

CARDOSO, Silvia Helena Barbi. **Discurso e Ensino**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Rio de Janeiro: Vozes, 1977.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. (Trad. Freda Indursky). 3 ed. Campinas, São Paulo: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

MUSSALIM, Fernanda. **Análise do discurso**. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs). **Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2004.

PRATA, Maria Regina dos Santos. **A produção da subjetividade e as relações de poder na escola: uma reflexão sobre a sociedade disciplinar na configuração social da atualidade**. Revista Brasileira de Educação. Jan/fev/mar/abr/2005. <http://www.scielo.br/pdf/> - acesso em; 13/06/11.